



MISSÃO POSSÍVEL

Farmacêutico que trabalhou no Haiti trouxe na bagagem mais do que experiência profissional: a lição de vida de um povo castigado pelo terremoto

“**A**judar ao próximo é viciante”. A frase é do dr. Fábio Teixeira Ferracini, coordenador da Farmácia Clínica do Hospital Israelita Albert Einstein, da capital, após integrar a primeira equipe de missão humanitária que desembarcou no Haiti para auxiliar a população a enfrentar a dor e o sofrimento.

Ao lado de 330 funcionários, 39 destes, farmacêuticos, dr. Fábio atua hoje na Farmácia Clínica do Hospital que atende cerca de 2 mil intervenções na prescrição médica por mês, entre elas: via de administração, dose, frequência, diluição, ajuste de dose, compatibilidade, interações medicamentosas, reações adversas e outros. A experiência de 20 anos de

profissão não pode ser comparada aos dez dias em que, em condições precaríssimas, dr. Fábio, único farmacêutico a integrar as equipes do Hospital, exerceu mais do que seu papel como profissional de saúde.

Ele trabalhou na missão ainda no Brasil com a elaboração e aquisição da lista de medicamentos e materiais para levar ao Haiti. No total, foram quatro toneladas de analgésicos, antibióticos, anti-inflamatórios e anti-helmínticos. Como não havia voos comerciais direto para Porto Príncipe, a equipe adquiriu medicamentos e materiais em Santo Domingo, capital da República Dominicana, cidade com trânsito caótico e sem identificação de ruas.

Sede da ONU
em Porto
Príncipe:
mortes e
destruição
na capital
do Haiti





A CHEGADA

A equipe com 15 profissionais, entre médicos, biomédicos, engenheiro e farmacêutico, instalou-se no orfanato *Love a Child*, mantido por norte-americanos em Fond Parisien, a 40 km de Porto Príncipe. O local, coordenado pela *Harvard Humanitarian Initiative*, conta com a ajuda de hospitais de Harvard, Chicago, Nova York e Washington, além do Peru e da Colômbia.

CENÁRIO DE HORROR

Dos mais de 200 pacientes alojados, entre adultos e crianças no orfanato, 75% eram amputados e a maioria possuía feridas abertas, fraturas não tratadas ou tratadas com fixador externo (sem raio-X).

Nesse cenário, muitas situações aconteceram com a equipe brasileira. Alguns se emocionaram, ficaram tristes, mas o sentimento final foi de felicidade por contribuir com o povo. O sofrimento não era de dor, mas por ver tantos jovens desnutridos e amputados. *“Pela tragédia provocada pelo terremoto, o povo haitiano não foi amputado apenas nos braços e pernas, foi amputado também na alma”*.

Quando a chuva chegar ao Haiti, a previsão é de mais um problema: a contaminação da água e a falta de energia, pois o sistema elétrico em

Fotos: Arquivo pessoal



Dr. Fábio no acampamento em que a primeira equipe esteve instalada durante 10 dias

Found Parisien é precário e improvisado com fiação externa e sem proteção, além de ser alimentado por geradores.

AO TRABALHO

Em uma missão humanitária se faz um pouco de tudo, carregar lixo, ajudar os demais profissionais e uma das atribuições do dr. Fábio foi organizar a farmácia. *“Quando cheguei, demos quase três horas para achar claritromicina para um paciente. Os medicamentos estavam acondicionados em grandes caixas e sem nenhuma identificação”*.

Como não havia prateleiras, o dr. Fábio organizou os medicamentos por classe terapêutica e em



Antes: Medicamentos misturados e sem identificação
Depois: Medicamentos separados por classe terapêutica e ordem alfabética





Amputados, desnutridos e feridos aglomeravam-se à espera de atendimento nas tendas

ordem alfabética no chão, dividindo-os em ruas. *“Parece muito simples, mas devido aos poucos recursos, foi uma grande ajuda, uma vez que neste ambiente não existe dispensação de medicamentos a paciente, o médico leva consigo o que vai prescrever, geralmente analgésico, anti-inflamatório e antibiótico, faz a prescrição e o enfermeiro administra as próximas doses”.*

A equipe foi orientada para que os medicamentos fossem administrados sob supervisão, ou seja, que fossem dados diretamente na boca do paciente para assegurar que não seriam vendidos ou trocados.

UM SORRISO NA TRAGÉDIA

Mesmo diante de toda a desgraça, os haitianos cantam, dançam, os mais idosos fazem rezas e tentam falar algo em português ou espanhol.



Durante o trabalho, dr. Fábio concentrava-se na identificação dos medicamentos. Após o expediente, mesmo em meio ao cenário de horror, o futebol ainda continuava a ser um dos motivos para sorrir

O fascínio que o futebol exerce sobre o povo é algo marcante. Assim que entravam nas tendas, os profissionais eram recebidos com sorrisos. Sorrisos de quem espera por ajuda. Ao identificarem a bandeira brasileira estampada no crachá, todos perguntavam sobre Ronaldo, Ronaldinho e Robinho.

As crianças brincavam entre as tendas. *“No final do expediente, sempre ia jogar futebol com as crianças do Love a Child. Um adulto levou duas bolachas recheadas e água para cada uma. Uma das crianças veio dividir a comida comigo. Disse que não, que era para ela comer, mas mesmo assim insistiu. Enquanto não dei uma pequena mordida em sua bolacha ela não comeu a sua. Essas histórias não vemos nos noticiários”.*

Dr. Fábio confessa que aprendeu o verdadeiro significado da palavra dividir. *“Vemos sempre o lado obscuro do ser humano. O que precisamos enxergar é que o roubo de comida ou de objetos que acontece por lá deve ser encarado como forma de sobrevivência. Eles não têm nada. Tentam defender suas famílias e filhos. É instintivo”.*

No total, três equipes do Albert Einstein estiveram no país. Ao ser questionado sobre o que foi mais marcante nos dez dias de trabalho, dr. Fábio é enfático ao responder: *“A resistência e o poder de recuperação do povo haitiano”.* Se ele voltaria? Dr. Fábio responde sem hesitar: *“Claro que sim. É uma experiência única. Ajudar ao próximo é viciante”.* **Thais Noronha** 🇧🇷

